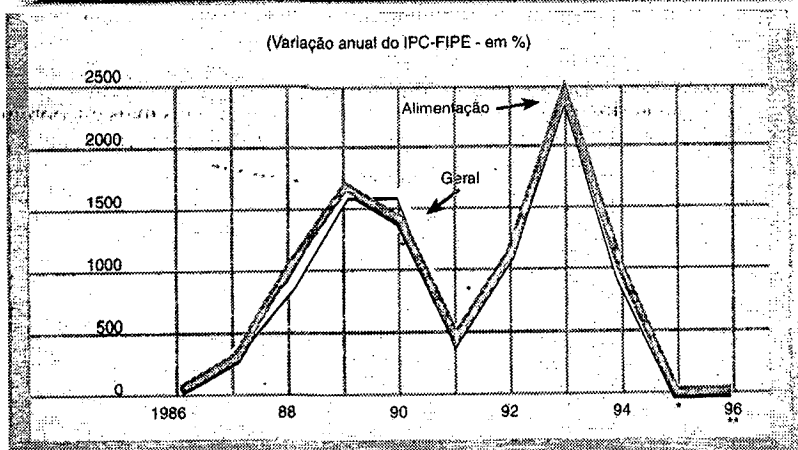


O abismo da inflação



Fonte: Fipec e Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Estimativa ** Previsão

Preços agrícolas não devem ficar acima da inflação

por Claudia Facchini De Cesare
de São Paulo

O tamanho da próxima safra de verão, colhida a partir de fevereiro, ainda é incerto. Os produtores agrícolas, atolados em dívidas, plantaram menos nesta primavera e ainda contiveram seus gastos com o trato das culturas. O clima no Sul do País e em São Paulo também não ajudou, com um longo período de seca no último trimestre do ano. A Companhia Nacional de Abastecimento estimou, em dezembro, uma queda entre 8,4% e 10,6% na produção de grãos na região Centro-Sul, que deve ficar entre 72,5 milhões e 74,3 milhões de toneladas.

Ao contrário de anos anteriores, no entanto, a situação de abastecimento e o comportamento dos preços agrícolas não preocupam os economistas. A desindexação e a abertura da economia deixam o governo de Fernando Henrique Cardoso em situação muito mais confortável que seus antecessores.

“O País tem US\$ 50 bilhões de reservas, que lhe permitem tranquilamente recorrer às importações, o que não acontecia antes, quando a economia era fechada”, afirma José Augusto Arantes Savasini, da empresa de consultoria Rosenberg Associados. “Se os preços dos alimentos subirem 18% já será muita coisa, mas acho difícil que isso aconteça”, afirma. Ele acredita que os preços agrícolas não deverão andar muito acima da inflação em 1996, projetada em 15%. Essa avaliação é compartilhada por Ernesto Guedes, da MCM Associados, que trabalha com uma inflação anual entre 12% e 15%.

Contra o governo, por sua vez, estarão neste ano os preços internacionais das commodities agrícolas,

que se encontram em patamares mais altos devido à frustração da safra em importantes países produtores e à acentuada queda nos estoques mundiais. Esse quadro é particularmente mais grave para o trigo, refletindo-se sobre os preços do pão, da farinha e das massas. As estimativas são de que o Brasil tenha que importar 4 milhões de toneladas do cereal em 1996.

Esse volume, no entanto, já será menor que o importado neste ano (cerca de 6 milhões de toneladas) uma vez que os preços mais altos no exterior deverão estimular o plantio no País, feito durante o outono. As estimativas do setor privado são de que a produção cresça de 1,5 milhão em 1995 para 2,5 milhões de toneladas.

A elevação dos preços, salienta Celio Porto, assessor do secretário de Política Agrícola, será ainda favorável na medida que irá recuperar a renda agrícola, diminuindo a necessidade de intervenção do governo. “O controle dos preços hoje, com a desindexação, também não tem mais a importância que teve no passado, quando qualquer aumento no preços do arroz, por exemplo, teria impacto em toda a economia”, acrescenta. Com a abertura dos canais de importação, o mercado se auto-regula.

Outro ponto a favor do governo serão os grandes estoques acumulados neste ano, quando os preços de mercado ficaram abaixo do mínimo estipulado nos empréstimos para comercialização da safra. Os estoques de passagem de milho somam 8 milhões de toneladas, sendo que na safra passada eram de 5,4 milhões. Os estoques de arroz cresceram de 1,5 milhão para quase 2 milhões de toneladas. ■